

Revisão Aberta

A revisão de artigos científicos encaminhados às revistas que adotam a revisão por pares é trabalho árduo e que consome cerca de 30 ± 10 dias em média, e mesmo para relatos de caso a média é de 23 ± 8 dias¹, independentemente do artigo ser aceito ou não para a publicação. O revisor é escolhido, dentre outros aspectos, pela sua expertise no assunto versado no artigo submetido. São pessoas bastante ocupadas e envolvidas, que deverão deixar de realizar parte do que vinham fazendo, ou invadir seu período de lazer e convívio familiar, para contribuir com o aprimoramento técnico-científico do trabalho submetido. Um artigo submetido a boa revisão, ressurge revigorado, mesmo que não venha a ser publicado no periódico a que foi submetido, desde que, obviamente, o pesquisador se atenha sensivelmente às questões levantadas, sendo sua recompensa para o hiato colorido de angústia e expectativa que permeia os momentos do binômio submissão-resposta, desdobrado, a depender da decisão daquele periódico, em aceitação-negação e seus também pares exaltação-frustração.

E o revisor? Em que dimensão se encontra? Este anônimo personagem, que detrás das cortinas fundamenta o que será mostrado ou não pelo editor, posto que a decisão final cabe a ele (Editor). Só lhe será facultada sua existência no último número do periódico, quando surge como integrante da lista de revisores, ou ainda, quando seu nome figura no Corpo Editorial.

O revisor tem muito pouco retorno ante sua, muitas vezes, decisiva atuação e contribuição. Sua produção acadêmica, e dentro de sua área (peer review), permanece inalterada, embora tenha dedicado horas àquele trabalho.

O anonimato por outro lado, conduz a padrões típicos de comportamento de revisores. São pessoas que se utilizam de frases curtas e às vezes contundentes (“...isso é um completo absurdo...”, “... isso não existe...”, “...a metodologia está incorreta...”, “...este artigo não deve ser publicado...”², “...wild speculation, based on faulty logic...” [crítica feita ao trabalho dos ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina Paul Nurse e Leland Hartwell]³), muitas vezes sem argumento competente para serem sustentadas em debate habitual, sendo somente emitidas pela força do anonimato. É comum que o revisor critique sem apontar as razões ou opções-sugestões. Mas também é comum que seja superficial, observando apenas os aspectos formais do texto, criticando a língua ou linguagem de forma enfática o suficiente para insinuar ou declarar a insuficiência do manuscrito.

O revisor pode ainda estar enviesado pelas próprias idéias e opiniões que tem a respeito daquele tema, ou ainda entender, frente a sua cultura e política acadêmicas, que o tema não é relevante e encaminhar a revisão secundado por concepções ou conhecimento que tenha dos autores desfavorecendo, ou ainda, favorecendo a publicação, conforme consiga ou não influenciar a decisão do Editor⁴.

Com tanta coisa para se fazer e me chega esse artigo! O revisor está trabalhando em seus próprios artigos, respondendo aos editores sobre seus próprios trabalhos, e na turbulência de seus compromissos lhe é arremessada mais uma tarefa. Pior ainda quando o artigo traz pronta uma pesquisa na qual vem trabalhando há bastante tempo. Vê surpreso que não será mais original o seu trabalho. Não lhe nasceria uma ponta de inveja? Um critionismo eloquente? Uma, ainda que inconsciente, deliberada e humana propensão a atrasar o processo de publicação? Ou ainda, vislumbrar a chance de tratar seus dados e publicar ainda antes do artigo do autor que ora revisa, a depender do momento de sua pesquisa?² Não foi assim com David Hilbert e Albert Einstein após o simpósio na Universidade de Göttingen no final de junho de 1915^{5,6}.

E o autor? Pode descuidar-se de vários aspectos na redação de seu trabalho, ou ainda, de fato, faltar com importantes elementos, substanciais à validade da pesquisa. Entretanto, pouco tem a fazer, ante as imposições da revisão. Mudará, acrescentará ou subtrairá elementos que seriam pouco ou nada relevantes ao estudo, para atender caprichos de estilo e fraseamento afeitos àquele do revisor (não se discute, obviamente, os padrões clássicos e necessários à boa redação do trabalho científico)⁷, consumindo tempo desnecessário do autor, ocultando-lhe seus verdadeiros padrões.

Há um movimento crescente entre editores, visando a tornar público o processo de revisão. Uma aposta na melhoria do processo, aumento do número de revisores, redução do tempo de revisão, e dentre outras, reconhecimento ao revisor, que passa a produzir um texto formal de revisão a ser publicado naquele periódico juntamente com o artigo revisado, se for decisão do Editor publicá-lo. Ao autor será dada a prerrogativa de revisar ou não o artigo. E o leitor poderá desfrutar dos dados e da crítica viva aos dados e ao texto.

A Revista Neurociências inaugura neste número a Revisão Aberta. Iniciamos este modelo com apenas dois artigos⁸⁻¹³, mas a política do Editor e Junta Editorial é sugerir fortemente aos autores que optem pela Revisão Aberta. A Revista Neurociências ainda visa com esse modelo trazer elementos racionais à composição dos textos, promovendo ampla divulgação e treinamento dos autores, haja visto ser de inegável cunho didático e com alto potencial de treinamento se vivenciar os passos da “via crucis” da publicação. A Revista Neurociências divulgará os parâmetros para tal procedimento em breve, e já está encaminhando instruções aos revisores. Esperamos contar com textos formais e impessoais, erigidos com argumentos e não em impressões ou emoções.

O Corpo Editorial da Revista Neurociências espera poder promover expressiva mudança de comportamento entre os envolvidos no processo de geração de conhecimentos, e colaborar para o primoroso desenvolvimento de recursos humanos, inseridos em um mundo já transformado pela “glaciação” da era www, digitalização, democratização dos patrimônios pela Internet (e a CAPES colabora fundamentalmente com esta política através do portal de periódicos), criatividade, ausência de fronteiras e limitação de e do papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Polak JF, The role of the manuscript reviewer in the peer review process. *AJR* 1995;165:685-8.
2. Triggle CR, Triggle DJ. What is the future of peer review? Why is there fraud in science? Is plagiarism out of control? Why do scientists do bad things? Is it all a case of: “All that is necessary for the triumph of evil is that good men do nothing?”. *Vasc Health Risk Manag* 2007;3:39-53.
3. Robertson M. What are journals for? *J Biol* 2009;8:1 (doi:10.1186/jbiol111).
4. Casadevall A, Fang FC. Is peer review censorship? *IAI* 2009; ahead of print (doi:10.1128/IAI.00018-09).
5. Isaacson W. Einstein – his life and universe. New York: Simon & Schuster, 2007, p 211-33.
6. Marcovitch H. Misconduct by researchers and authors. *Gac Sanit* 2007;21:492-9.
7. International Committee of Medical Journal Editors. Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journal. *JCCA* 1988;32:179-86.
8. Monteiro ES, Gimenez MM, Fontes SV, Fukushima MM, Prado GF. Queixas urinárias em mulheres com infarto cerebral. *Rev Neuroscienc* 2009;17:103-7.
9. Potasz C. Urgência e urge-incontinência em mulheres após seis meses de AVC. *Rev Neuroscienc* 2009;17:108-10 .
10. Monteiro ES, Gimenez MM, Fontes SV, Fukushima MM, Prado GF. Queixas urinárias em mulheres com infarto cerebral: réplica à revisão. *Rev Neuroscienc* 2009;17:111.
11. Teixeira LJ, Prado GF. Impacto da fisioterapia no tratamento da vertigem. *Rev Neuroscienc* 2009;17:112-8.
12. Rezende MM. Impacto da fisioterapia no tratamento da vertigem: revisão aberta. *Rev Neuroscienc* 2009;17:119-20.
13. Teixeira LJ, Prado GF. Impacto da fisioterapia no tratamento da vertigem: réplica à revisão. *Rev Neuroscienc* 2009;17:121.

Gilmar Fernandes do Prado

Editor Chefe

Luciane Bizari Coin de Carvalho

Editora Executiva

Marco Antonio Cardoso Machado

Editor Administrativo